

APLICAÇÃO DOS INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA EM EMPRESAS COMERCIAIS E PRODUTORAS DE PAPEL E CELULOSE LISTADAS NA B³

Matheus Henrique Costa Aganetti¹
Cristiano Moreira²

RESUMO

A sustentabilidade financeira diz respeito a capacidade de uma organização auto manter-se financeiramente frente às adversidades do ambiente, bem como buscar a longevidade do negócio. Para isto, uma empresa precisa ter boa gestão financeira em sua estrutura de capital e disponibilidades, uma vez que esses fatores influenciam no curto e médio prazo, e, conseqüentemente, na sustentabilidade financeira da entidade. A falta dessa sustentabilidade favorece a ocorrência de vários fatores, dentre eles alguns específicos para a região, na qual a empresa está sediada, como o desemprego e o aumento no preço dos produtos/serviços ofertados. Diante disto, este estudo teve como objetivo analisar a sustentabilidade financeira de empresas produtoras e comerciantes de papel e celulose listadas na B³ por meio do Indicador de Sustentabilidade Financeira, bem como calcular, categorizar e comparar o indicador de sustentabilidade financeira dessas organizações. Ainda, para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feito um estudo descritivo e bibliográfico, de cunho qualitativo, por meio da coleta de dados documentais das demonstrações financeiras de 2015 a 2019 de três organizações de papel e celulose listadas na B³, sendo coletados dados primários que serviram como base para os cálculos dos indicadores, fornecendo subsídios para as análises utilizando o método comparativo. A partir da análise dos dados, foi possível concluir que, dentre as empresas estudadas, apenas uma obteve resultados constantes acerca de uma boa sustentabilidade financeira. Ainda, concluiu-se que não há um modelo de negócio a ser seguido para que uma organização apresente boa situação financeira.

Palavras-chave: Sustentabilidade Financeira. Indicador de Sustentabilidade Financeira. Agribusiness.

APPLICATION OF FINANCIAL SUSTAINABILITY INDICATORS IN COMMERCIAL COMPANIES AND PAPER AND PULP PRODUCERS LISTED IN B³

ABSTRACT

Financial sustainability concerns the ability of an organization to maintain itself financially in the face of environmental adversities, as well as seeking business longevity. For this, a company needs to have good financial management in its capital structure and cash, since these factors influence the short and medium term, and, consequently, the financial sustainability of the entity. The lack of this sustainability favors the occurrence of several factors, including some specific to the region, in which the company is headquartered, such as unemployment and the increase in the price of the products/services offered. Therefore, this study aimed to analyze the financial sustainability of pulp and paper producing and trading companies listed in B³ through the Financial Sustainability Indicator, as well as to calculate, categorize and compare the financial sustainability indicator of these organizations. Also, for the development of this research, a descriptive and bibliographical study of a qualitative nature was carried out, through the collection of documentary data from the financial statements from 2015 to 2019 of three pulp and paper organizations listed in B³, and data were collected which served as the basis for the calculation of the indicators, providing subsidies for the analyzes using the comparative method. From the data analysis, it was possible to conclude that, among the companies studied, only one obtained constant results about good financial sustainability. Furthermore, it was concluded that there is no business model to be followed for an organization to present a good financial situation.

Keywords: Financial Sustainability. Financial Sustainability Indicator. Agribusiness.

¹ Graduando em Gestão de Serviços da Saúde pela UFMG, Graduado em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Unihorizontes - Pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso - e-mail: mhenrique.costa@outlook.com

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação Gestão & Organização do Conhecimento (PPGOC)/UFMG, Mestre em Economia de Empresa pela FEAD/MG, Graduado em Ciências Contábeis pela PUC/MG – Docente no curso de Ciências Contábeis no Centro Universitário Unihorizontes – e-mail: cristianomoreirasilva@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o agronegócio é um dos setores econômicos que mais tem inserido em seu cotidiano políticas de sustentabilidade, o que gera mudanças em suas políticas de gestão empresarial (LANGBECKER; BEURON, 2020). Além disso, as mudanças no cenário mundial, sejam elas sociais, políticas, econômicas ou ambientais, fazem com que as empresas busquem medidas para manter uma boa gestão dos negócios, uma vez que o mercado está cada vez mais competitivo (PEREIRA et al., 2019).

A globalização associada a estabilização da economia resultaram na introdução de inovações tecnológicas, novos modelos de produção e formas de se disponibilizar o produto, fazendo com que setores antes lucrativos, passassem a não serem vistos assim (DE SOUZA; SILVA, 2018).

Ainda, a competitividade resultante dessas modificações exigiu maior empenho das organizações para que estas pudessem se manter no mercado. Muitas organizações não conseguiram acompanhar as mudanças e ficaram fadadas ao fracasso (DE SOUZA; SILVA, 2018).

Para os empresários se manterem competitivos seria necessário desenvolverem novas competências para garantir, assim, a sobrevivência de seus negócios. Logo, o empresário deve ter senso de empreendedorismo e inovação, a fim de manter-se no mercado (DE SOUZA; SILVA, 2018; JÚNIOR et al., 2019).

Essas mudanças na gestão, referentes as novas competências apresentadas, introduziram, conseqüentemente, alterações na forma de avaliar o desempenho do negócio, objetivando apresentar um maior índice de fidedignidade a situação financeira e econômica das empresas para as tomadas de decisões (LANGBECKER; BEURON, 2020).

Assim, uma das possíveis ferramentas à disposição dos empresários, com o objetivo de realizar esta avaliação, são os indicadores de sustentabilidade financeira, uma vez que apresentam resultados para averiguar se as empresas possuem condições de arcar com seus custos, bem como de se autossustentar ao longo de um determinado período (JÚNIOR et al., 2019).

Desta forma, esta pesquisa justificou-se em estudar a sustentabilidade financeira de empresas atuantes no setor de Agrobusiness listadas na Bolsa de Valores Brasileira, conhecida como B³, sobretudo, as produtoras de papel e celulose, dado que o setor de Agronegócio representa uma parcela significativa do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

A problemática deste trabalho gira em torno da responder a seguinte questão: As empresas produtoras e comerciantes de papel e celulose, listadas na B³, possuem um grau satisfatório de sustentabilidade financeira? Buscando sanar essa dúvida, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a sustentabilidade financeira de empresas produtoras e comerciantes de papel e celulose listadas na B³, por meio do Indicador de Sustentabilidade Financeira. Para se chegar a este objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: calcular, por meio de indicadores, a sustentabilidade financeira de empresas produtoras e comerciantes de papel e celulose listadas na B³; categorizar o indicador de sustentabilidade financeira destas empresas e comparar os seus indicadores de sustentabilidade financeira ao longo de seus exercícios sociais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, foram apresentados alguns estudos atrelados à presente proposta que serviu como base para a orientação do desenvolvimento desta pesquisa.

2.1 O papel da Sustentabilidade Organizacional na era contemporânea

A Sustentabilidade Empresarial é dividida em três esferas, sendo elas: a ambiental, a econômica e a social, além de, atualmente, ser objeto de estudo no campo acadêmico. Para se desenvolver de forma sustentável, a empresa deve manter a harmonia e a interação entre estes três pilares, fazendo com que eles interajam e existam continuamente na organização (JÚNIOR et al., 2019).

Ademais, o termo sustentabilidade corresponde a capacidade de auto manter-se por um período ou em função de eventuais problemas financeiros/econômicos (AGUIAR et al., 2016). Quando uma atividade pode ser mantida por um longo período, ela é considerada sustentável sem que se esgote, mesmo com a presença de contratempos (BERTONCELLO, 2015).

Do ponto de vista organizacional, a sobrevivência está ligada à sustentabilidade em todas as esferas, uma vez que, além de acompanhar e estimular seu desenvolvimento, aumenta sua transparência e credibilidade, e contribui para o crescimento do negócio por meio de uma boa gestão (TRINDADE; PELA UNIFG; LIMA, 2018).

Segundo Dal Ben et al., (2017), o número de organizações preocupadas com a sustentabilidade cresce cada vez mais, já que os consumidores estão buscando empresas com foco ambiental e social. Ainda, a população está mais engajada nos aspectos sustentáveis, principalmente no que se refere à preocupação com a qualidade de vida futura.

Portanto, sustentabilidade é a capacidade de um sistema se manter por um determinado período sob certas condições. Para atingir essa sustentabilidade sempre haverá um conjunto de variáveis interdependentes (XISTO, 2007).

Já a sustentabilidade social, está vinculada à quando as empresas se tornam sustentáveis socialmente, oferecendo condições adequadas de trabalho, bem como são inclusivas e apresentam programas de diversidade cultural (AGUIAR et al., 2016). Além do mais, abrange a relação comunidade e empresa, podendo ser externa e/ou interna, assim, a relação entre empresa e colaboradores busca tornar o ambiente de trabalho mais agradável, respeitoso, cumprindo com os direitos humanos (NETO, 2011).

O social relaciona-se com o capital humano que está direta ou indiretamente ligado às atividades desenvolvidas pela empresa, tendo como público alvo os funcionários, os fornecedores, a comunidade próxima à organização e a sociedade em geral (EVANGELISTA, 2010).

O viés da sustentabilidade aplicado ao contexto ambiental, leva o empreendimento a avaliar o impacto que a atividade provoca no ambiente. Assim, a empresa implanta medidas na gestão que visam diminuir os impactos ambientais oriundos de suas atividades (FONSECA, 2015). Refere-se, ainda, a todas as ações da empresa que possam, direta ou indiretamente, causar algum impacto negativo ao meio ambiente seja ele de curto, médio ou longo prazo (SILVA et al., 2012).

Por último, a visão econômica da sustentabilidade está pautada na capacidade da empresa de se sustentar, buscando melhores maneiras de uso dos recursos visando resultados positivos a curto, médio e longo prazo (DE JESUS FERNANDES; FONSECA; CUNHA, 2018). O econômico refere-se à empresa ser capaz de produzir, distribuir e oferecer seus

produtos e serviços, tendo uma relação competitiva, mas justa com os concorrentes (FONSECA, 2015).

2.2 A implementação da Sustentabilidade Financeira nas organizações

O termo sustentabilidade financeira é designado a empresas que possuem a capacidade de realizar a autogestão de suas finanças em um cenário econômico caótico e frente a outros aspectos negativos para a longevidade do negócio (DE OLIVEIRA FERNANDES; DE SOUZA SAMPAIO, 2019; FILHO, 2019).

A sustentabilidade financeira se baseia na capacidade de sustentação econômica das empresas, correlacionada à gestão eficiente dos recursos, que permite ao empreendimento gerar efeitos positivos a longo prazo (MATIAS, 2007). A sustentabilidade financeira reside na capacidade da empresa cumprir suas obrigações para com seus fornecedores e credores, além de cobrir suas oportunidades, conseguindo com isso manter-se no mercado por um longo prazo (JÚNIOR et al., 2019). Assim, pode-se dizer que:

A sustentabilidade financeira é resultado da interação e do desempenho conjunto de todos os departamentos de uma organização, evitando que os conflitos de interesses entre as áreas afetem a geração de valor com o foco na perpetuidade (BRANCO, 2010).

A falta de sustentabilidade financeira em uma empresa pode resultar em sua insolvência e ainda em uma série de problemas para a região à qual ela está inserida. Essa ausência pode contribuir ainda para o desemprego e trabalhos informais e ainda deixam os consumidores sem os produtos/serviços que antes eram ofertados e consumidos por eles (FONSECA, 2015).

No entanto, a sustentabilidade financeira só é plena quando as empresas têm a capacidade de auto prover recursos monetários para combater imprevistos que advenham da sua exploração econômica, onde o equilíbrio do crescimento, a autonomia financeira e o fluxo de caixa são indispensáveis (DE ALMEIDA FERNANDES; MARIN, 2011). Essa sustentabilidade requer boa gestão de capital e boa administração dos riscos operacionais relacionados à imagem da organização (MATIAS, 2007).

A sustentabilidade financeira é a consequência do desempenho e do envolvimento de todos os setores da empresa, impedindo que os conflitos de interesse comprometam a geração de valor, com ênfase na longevidade. Assim, a perpetuidade surge como fundamento da sustentabilidade financeira, pois, somente por meio dela seria possível maximizar o valor da empresa (BRANCO, 2010).

Logo, uma das características de uma empresa sustentável financeiramente é superar as adversidades geradas pelo mercado com autonomia financeira e crescimento à longo prazo, fatores estes que devem ser atingidos através do planejamento financeiro, da diversificação de renda, da administração das finanças e da geração de renda própria (DE ALMEIDA FERNANDES; MARIN, 2011).

2.3 Adoção de Indicadores de Sustentabilidade Financeira para a avaliação de desempenho

Atualmente as empresas utilizam indicadores, sejam eles socioambientais ou financeiros, para prever e analisar a vida útil do empreendimento (OLIVEIRA FILHO, 2020). Os indicadores que apresentam a situação financeira da empresa têm relação com os

demonstrativos contábeis, sendo que cada indicador resulta em uma visão específica do desempenho ou situação do negócio para o período ao qual ele se refere (MICHELS et al., 2018).

Os indicadores da situação financeira da empresa auxiliam na definição e monitoramento das ações gerenciais para direcionamento dos processos e visam possibilitar a mensuração dos resultados. Eles revelam se as ações das empresas, em termos de metas e objetivos organizacionais, foram alcançados. Além disso, demonstram, a partir de diferentes perspectivas, os resultados obtidos; oferecem a direção sobre as melhorias, a partir do diagnóstico dos processos; definem tendências, a partir da performance atual; e fornecem medidas quantitativas necessárias para projeções e modelos de apoio à tomada de decisão (BRANCO, 2010).

Quanto a análise das demonstrações contábeis e financeiras, além de ser possível conhecer a situação econômica e financeira das empresas, tal análise irá possibilitar aos gestores tomar a decisão acertada e fazer as previsões para cenários futuros (FERNANDES, 2011).

O indicador de sustentabilidade financeira é um dos usados para analisar a saúde financeira da entidade, sendo utilizado nesta pesquisa o modelo desenvolvido por Fernandes (2011). Para a autora, a sustentabilidade financeira consiste em apresentar a capacidade da empresa de se auto manter com seus recursos financeiros, visando enfrentar contratemplos. O modelo proposto consiste em analisar o equilíbrio de crescimento, a autonomia financeira e a trading, sendo este responsável por medir se a empresa possui capital circulante líquido para garantir a longevidade do negócio.

A sustentabilidade financeira aborda a autonomia financeira, com crescimento equilibrado em suas operações, onde é necessário manter cautela sobre suas ações. Como suporte desta cautela é necessário que a empresa mantenha o fluxo de caixa alinhado com os propósitos de curto, médio e longo prazo para a sua sobrevivência. Além disto, organizações que almejam longevidade devem ter zelo pelo capital de giro para enfrentar os contratemplos inerentes à sua atividade econômica (FERNANDES, 2011).

2.3.1 Autonomia Financeira

Conforme citado por Walsh (1999), a Autonomia Financeira (AF) de uma empresa é a capacidade que ela possui de resistir a contratemplos operacionais. Desta maneira, AF visa avaliar a resistência financeira da empresa. Ela é mensurada a partir do cálculo de um índice formado por dois indicadores: um indicador derivado da cobertura de juros e o outro do rácio da autonomia.

- **Cobertura de Juros**

A cobertura de juros é apurada pela seguinte equação:

$$CJ = \frac{LAIR + DF}{DF}$$

Em que:

- CJ = Cobertura de Juros;
- LAIR = Lucro antes do IR e da CS;
- DF = Despesas Financeiras.

Para o autor em questão, não se considera adequado utilizar CJ menor que 3,3 e, para que os cálculos apresentem uma maior fidedignidade aos fatos, a CJ deverá ser de 5,0 para que seja tomada como adequada, conforme equação a seguir:

$$CJ_{\alpha} = \frac{LAIR + DF}{5 * DF}$$

O resultado oriundo desta equação busca apresentar que: quando maior ou igual a 1 a empresa possui fluxo de caixa o suficiente para cobrir/sustentar suas despesas (WALSH; DIAS; E SILVA, 1999).

- **Rácio da Autonomia**

O rácio de autonomia (RA) é calculado da seguinte maneira:

$$RA = \frac{P}{2 * (PC + ELP)}$$

Em que:

- RA = Rácio de Autonomia;
- P = Total do Passivo;
- PC = Passivo Circulante;
- ELP/PNC = Passivo Não Circulante.

O resultado da operação acima apresentará, quando igual a 1, que o patrimônio da empresa é equivalente aos seus exigíveis (WALSH; DIAS; E SILVA, 1999).

- **Autonomia Financeira**

A autonomia financeira (AF), é resultado da junção das equações apresentadas anteriormente e é calcula da seguinte forma:

$$AF = \frac{CJ_{\alpha} + RA}{2} = \frac{\frac{LAIR + DF}{5 * DF} + \frac{P}{2 * (PC + PNC)}}{2}$$

Em que:

- AF = Autonomia Financeira;
- CJ_α = Cobertura de Juros adequada;
- RA = Rácio da Autonomia;
- LAIR = Lucro antes do IR e da CS;
- DF = Despesas Financeiras;
- P = Total do Passivo;
- PC = Passivo Circulante;
- PNC = Passivo Não Circulante.

2.3.2 Equilíbrio de Crescimento

Para Walsh (1999), o uso do termo equilíbrio de crescimento (EC) apresenta a proporção de crescimento que a organização pode sustentar a partir de seu fluxo de caixa operacional.

O EC é apurado acordo com Walsh (1999) da seguinte maneira: $EC = \frac{R}{T}$

Em que:

- EC = Equilíbrio de Crescimento;
- R = Lucros retidos/vendas;
- T = Ativo circulante/vendas.
-

O EC pode ainda ser representado pela equação, sendo está a representação mais

$$EC = \frac{R}{T} = \frac{\frac{LR}{V}}{\frac{AC}{V}} = \frac{LR}{AC}$$

lógica:

Após a apuração dos devidos cálculos, quando o EC for igual ou superior a 1 a empresa estará sendo financiada por seus próprios recursos (FERNANDES, 2011).

2.3.3 Trading

Conhecido como efeito tesoura, o termo *trading* (TR), ou nível de negócio, demonstra se os recursos disponíveis são suficientes para a continuidade dos negócios (FERNANDES,

2011). O trading é encontrado como resultado da equação: $T = 1 + \frac{AC - PC}{V}$

Em que:

- T = *Trading*;
- AC = Ativo Circulante;
- PC = Passivo Circulante;
- V = Vendas.

2.3.4 ISF

Já o Indicador de Sustentabilidade Financeira (ISF) é o produto da aplicação da fórmula:

$$ISF = \frac{(AF \times EC) + T}{2}$$

Em que:

- ISF = Índice de Sustentabilidade Financeira;
- AF = Autonomia Financeira;
- EC = Equilíbrio do Crescimento;
- T = *Trading* ou Nível de Negócio.

O resultado do produto (AF*EC) mostra a relação da sustentabilidade com capitais próprios da organização. Este resultado é acrescentado ao indicador de *trading* que se refere ao capital circulante líquido da empresa.

Assim, após aplicar a equação de ISF, deverá ser analisado o resultado conforme a visão de Fernandes (2011).

Tabela 1: Grau de Sustentabilidade Financeira

| Indicador de Sustentabilidade Financeira - ISF | |
|--|------------------------------|
| Valor Observado | Interpretação Adequada |
| 1,00 o mais | Sustentabilidade Plena |
| 0,7 a 0,99 | Sustentabilidade Substancial |
| 0,5 a 0,69 | Sustentabilidade Moderada |
| 0,3 a 0,49 | Sustentabilidade Baixa |
| Abaixo de 0,3 | Sustentabilidade Desprezível |

Fonte: Adaptado de Fernandes e Meireles, 2013.

A análise da escala, apresentará para os gestores da organização se a empresa é sustentável financeiramente quando obtiver grau igual ou superior a 0,6. Quando o produto for igual ou inferior a 0,5, a empresa deverá mudar seus padrões e buscar medidas para que ela não se torne insolvente e seja fadada a dissolução (DE ALMEIDA FERNANDES; MEIRELES, 2013).

2.4 O papel estratégico do *Agribusiness* no contexto brasileiro

Agribusiness corresponde a tradução de agronegócio, que dá direção a diversos ramos como agropecuária, agroindustrial, agricultura, entre outros, abrangendo um conjunto de atividades econômicas, constituídas por várias cadeias produtivas, com operações de produção, suprimentos agrícolas, armazenamento, processamento e distribuição do produto final (GIMENES; GIMENES, 2007).

O agronegócio se apresenta como um dos maiores setores da economia nacional por meio de vastas movimentações de recursos e gerações de empregos. Além de representar 33% do PIB nacional (CALLADO; CALLADO; MACHADO, 2007; TRINDADE; PELA UNIFG; LIMA, 2018). O agronegócio tem sido uma das práticas mais rentáveis para a constituição do PIB brasileiro neste momento de crise que o País tem enfrentado. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA, 2017), a agricultura vem sendo a responsável, quase que integralmente, pela sustentação do PIB do Brasil. Graças a ele, há o estímulo também de outros segmentos de negócios, como equipamentos agrícolas, máquinas, fertilizantes, além da mão de obra que oferece geração de emprego, essencial para impulsionar a economia do país em um momento de turbulência como o atual, contribuindo para um crescimento da estabilidade econômica, tão precária na realidade brasileira.

Ele é regulamentado pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) 29 e faz referência à *International Accounting Standard* (IAS) 41 sendo aplicado para os ativos biológicos e produção agrícola em ponto de colheita. Este pronunciamento estabelece os critérios de como realizar o reconhecimento e a apresentação contábil dos ativos biológicos nos estoques (CALLADO; CALLADO; MACHADO, 2007; TRINDADE; PELA UNIFG; LIMA, 2018).

O setor do agronegócio no Brasil é responsável por boa parte dos alimentos consumidos no país, além de ser parte integrante dos alimentos também consumidos no restante do mundo. No ano de 2015, o setor foi responsável por 46% das exportações totais do país, atingindo um saldo positivo na balança comercial de US\$ 75,2 bilhões, face aos US\$ 19,7 bilhões do saldo total, influenciados negativamente por outros setores (MEDINA, 2017).

O agronegócio no Brasil desenvolveu-se rapidamente nos últimos anos devido à alta tecnologia aplicada ao setor. Silva (2008) também reafirma que esta atividade alcançou patamares muito elevados, passando a ocupar a posição de principal atividade econômica do país. Esse desenvolvimento econômico favorece a empregabilidade e, conseqüentemente, beneficia a população.

2.5 Estudos Anteriores

Visando o embasamento da pesquisa sobre o indicador de sustentabilidade financeira em empresas do agronegócio, não foi encontrado nenhum estudo correlato, porém, conforme

exposição a seguir, foram localizados estudos com outros indicadores econômico-financeiros sobre o agronegócio nacional.

Em 2007, um estudo realizado por Callado, Callado e Machado apresentou como objetivo elaborar e aplicar indicadores de desempenho para comparar organizações rurais localizadas no Estado do Ceará. Esta pesquisa foi exploratória, descritiva, bibliográfica e de campo, sendo pesquisadas 158 unidades rurais de processadoras de raspas de mandioca de 9 sub-regiões. Com este estudo, os autores identificaram que várias sub-regiões apresentaram indicadores semelhantes sem nenhum caso extremo e que as sub-regiões de Sobral, Crato e Itapoca apresentaram um perfil de desempenho econômico superior ao das demais.

Mais adiante, o estudo de Michels et al. , realizado em 2018, teve como objetivo verificar o nível de desempenho econômico-financeiro das empresas do Setor de Agronegócio listadas na B³ S.A no período de 2014 a 2016, sendo que para isto utilizou-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e caráter documental para coleta de dados. A amostra da pesquisa foi não probabilística, sendo composta por todas as empresas na lista do setor de consumo não cíclico da B³ S.A. Ao fim da pesquisa, concluiu-se que dentre os períodos analisados, de 2014 a 2016, foi em 2015 que as empresas apresentaram maior dificuldade financeira, sendo resultado da retração econômica sofrida pelo país no período. Ainda, o estudo identificou que as empresas do segmento de alimentos e derivativos apresentaram melhores indicadores de rentabilidade, sendo eles resultado da diminuição da dependência de capital de terceiros.

De modo geral, os estudos anteriores revelam que a análise da situação financeira em empresas de agronegócio, por meio de indicadores financeiros dinâmicos e tradicionais, permite avaliar as medidas que podem ser tomadas, visando sempre à continuidade das entidades por meio de tomada de decisões pautadas em dados fidedignos e confiáveis.

3 METODOLOGIA

A pesquisa apoia-se no modelo descritivo. Pois buscou expor as características de determinada população ou de determinado fenômeno, que além de estabelecer correlação entre variáveis, define sua natureza (VERGARA, 2000). Quanto à abordagem do problema, este estudo se enquadra como qualitativo, pois, de acordo com Gil (1999), fundamenta-se na descrição da ligação e correlação dos dados interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes analisados a partir da significação que estes dão a seus atos.

Nesta pesquisa utilizou meios bibliográficos. Este tipo de pesquisa se caracteriza como um estudo sistematizado desenvolvido com base em materiais publicados em revistas, livros, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral (VERGARA (2000).

Ainda, foi feita uma pesquisa documental, que pode ser apresentada como:

A pesquisa documental é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas (LAKATOS; MARCONI, 1986)

Dentro da pesquisa documental, foi realizada, como técnica de coleta de dados, a extração de dados primários de demonstrações financeiras de três empresas do Agronegócio listadas na B³. Os dados coletados serviram como base para calcular e analisar o grau de sustentabilidade financeira destas empresas por meio do Indicador de Sustentabilidade Financeira proposto por Fernandes (2011).

Os sujeitos desta pesquisa foram três empresas do ramo Agribusiness listadas na B³, sendo elas produtoras e comerciantes de papel e celulose. A amostra dos dados coletados

contém informações financeiras e econômicas extraídas das demonstrações financeiras dos exercícios sociais de 2015 a 2019 de cada uma das três empresas.

Após a coleta dos dados, foi feita uma análise de conteúdo, bem como a utilização do método comparativo, que, para Vergara (2000), busca ressaltar similaridade e diferenças entre pessoas, padrões de comportamento e fenômenos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta parte da pesquisa tem como objetivo apresentar os resultados alcançados através da coleta de dados primários das demonstrações financeiras das empresas objetos desta pesquisa, bem como seus respectivos cálculos e análises.

As empresas analisadas foram as maiores do ramo de papel e celulose listadas na B³, sendo elas: Irani Papel e Embalagens S.A, Klabin S.A. e Suzano Holding S.A.

Os valores coletados das demonstrações financeiras publicadas dos últimos exercícios sociais das empresas, correspondentes aos anos de 2019, 2018, 2017, 2016 e 2015, foram planilhados e calculados, conforme o Indicador de Sustentabilidade Financeira proposto por Fernandes (2011). Os resultados e suas respectivas análises são apresentados a seguir.

4.1 Irani Papel e Embalagens S.A.

A Irani Papel e Embalagens, anteriormente conhecida como Celulose Irani, é uma empresa brasileira de celulose e papel fundada em 1941 por famílias do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, a Irani possui as seguintes divisões de negócios: Papel, Embalagem, Móveis, Madeiras e Resinas e Divisão Florestal, localizadas nos seguintes locais: Vargem Bonita (SC), Santana de Parnaíba (SP), Rio Negrinho (SC), Balneário Pinhal e São José do Norte (RS). Os escritórios da empresa estão em São Paulo (SP), Joaçaba (SC) e em Porto Alegre (RS).

4.2 Klabin S.A.

Klabin S.A. é uma empresa brasileira, produtora e exportadora de papeis, com foco na produção de celulose, papeis e cartões para embalagens, embalagens de papelão ondulado e sacos industriais, além de comercializar madeira em toras. É organizada em quatro unidades de negócios (Florestal, Celulose, Papéis e Conversão) e conta com 17 unidades industriais, sendo 16 no Brasil, distribuídas por oito estados, e uma na Argentina.

4.3 Suzano Holding S.A.

Suzano Papel e Celulose é uma empresa brasileira de papel e celulose. Possui sede em Salvador e sede administrativa na cidade de São Paulo, além de operações globais em aproximadamente 60 países. Sua operação está dividida em três unidades de negócio: Florestal, Celulose e Papel e possui cerca de 8.000 funcionários.

4.4 Apresentação dos principais resultados

Realizado a breve apresentação dos sujeitos desta pesquisa, são demonstrados a seguir os resultados da pesquisa documental atrelados aos cálculos dos Indicadores de Sustentabilidade Financeira.

A Tabela 2 apresenta os resultados dos indicadores obtidos para a Irani Papel e Embalagens SA.

Tabela 2: Indicador de Sustentabilidade Financeira Irani Papel e Embalagens S.A.

| INDICADOR | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|--|----------|-------------|-------|-------|----------|
| COBERTURA DE JUROS ADEQUADA | 0,20 | 0,20 | 0,29 | 0,14 | 0,22 |
| RÁCIO DA AUTONOMIA | 0,66 | 0,67 | 0,61 | 0,63 | 0,64 |
| AUTONOMIA FINANCEIRA | 0,43 | 0,44 | 0,45 | 0,38 | 0,43 |
| EQUILIBRIO DE CRESCIMENTO | 0,02 | 0,00 | -0,23 | 0,04 | -0,09 |
| <i>TRADING</i> | 1,00 | 0,12 | 1,06 | 0,91 | 1,08 |
| INDICADOR DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | 0,50 | 0,06 | 0,48 | 0,46 | 0,52 |
| GRAU DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | MODERADA | DESPREZÍVEL | BAIXA | BAIXA | MODERADA |

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Com base nos valores acima, pode-se observar que a Irani não teve suas despesas cobertas pela sua operação. Sendo este ponto percebido quando a sua cobertura de juros, em todos os anos, apresentou valores abaixo de um. Ainda, nota-se que ela operou, durante os exercícios estudados, com mais capital de terceiros do que capital próprio, evidenciado pelos valores do rácio de autonomia, sendo eles menores que um.

Com base no indicador de autonomia financeira e conforme os fatores apresentados anteriormente, apurou-se que a empresa não possui capital o suficiente para resistir a contratempos, tendo que recorrer a capital de terceiros. Elucidando o apresentado por Fernandes (2011), uma vez que, para a autora, a sustentabilidade financeira consiste em apresentar a capacidade da empresa de se auto manter com seus recursos financeiros, visando enfrentar contratempos.

Fernandes e Marin (2011) afirmam que o fluxo de caixa é indispensável para o alcance da sustentabilidade financeira e após apuração do índice de equilíbrio de crescimento, notou-se que a empresa, ao longo dos últimos cinco anos estudados, não apresentou fluxo de caixa para cobrir suas operações e que devido a isto ela está sendo financiada por recursos de terceiros.

Ainda, com o índice de trading apurado e com base nos resultados dos indicadores anteriormente apresentados, notou-se que a empresa não possui capital circulante líquido adequado para contribuir com a perpetuidade do negócio, conforme estudo de Fernandes e Marin (2011), o qual diz que uma empresa sustentável financeiramente possui crescimento a longo prazo.

Portanto, servindo como base o cálculo do indicador de sustentabilidade financeira, conclui-se que a Irani Papel e Embalagens S.A. não possui grau significativo de em seus indicadores de acordo com a literatura adota na pesquisa, uma vez que apresentou no decorrer dos exercícios, resultados inferiores aos desejáveis, sendo, dois resultados de grau baixo e dois moderados.

O que pode levar a interpretação que a questão não detém capital próprio, nem fluxo de caixa líquido necessários para cobrir seus gastos operacionais e nem para contribuir com a perpetuidade do negócio, precisando recorrer a capitais externos, fator este que, se baseado no pensamento de Fernandes e Meireles (2013), se mal geridos, podem levar a insolvência do negócio. A Tabela 3 apresenta os resultados dos indicadores obtidos para a Klabin S.A.

Tabela 3: Indicador de Sustentabilidade Financeira Klabin S.A.

| INDICADOR | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------|
| COBERTURA DE JUROS ADEQUADA | 1,01 | -0,32 | 0,07 | -0,19 | -0,02 |
| RÁCIO DA AUTONOMIA | 0,63 | 0,66 | 0,66 | 0,64 | 0,62 |
| AUTONOMIA FINANCEIRA | 0,82 | 0,17 | 0,36 | 0,23 | 0,30 |
| EQUILIBRIO DE CRESCIMENTO | -0,18 | 0,20 | 0,01 | -0,07 | -0,01 |
| <i>TRADING</i> | 1,97 | 1,82 | 1,96 | 1,71 | 2,03 |
| INDICADOR DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | 0,91 | 0,93 | 0,98 | 0,85 | 1,01 |
| SUSTENTABILIDADE | SUBSTANCIAL | SUBSTANCIAL | SUBSTANCIAL | SUBSTANCIAL | PLENA |

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Ao contrário da Irani, em se tratando do indicador de cobertura de juros nos anos estudados e levando em consideração a informação de quando a cobertura de juros for menor que 1, conforme o exposto por Walsh, Dias e Silva (1999), a Klabin, apresentou resultados que indicam maior liquidez de cobertura de juros, uma vez que apresentou saldo maior que 1 no primeiro ano, evoluindo para um saldo negativo, que cresceu para 0,7 no segundo, e manteve-se negativo nos dois anos seguintes. Essas oscilações são resultado de aquisição de financiamentos externos que não geraram recursos suficientes para a sua cobertura.

Ainda, a empresa apresentou uma certa estabilidade no índice de rácio de autonomia, sendo que manteve seu funcionamento com base em capital de terceiros.

No que diz respeito a sua capacidade de resistir a contratempos operacionais, apurados pelo índice de autonomia financeira, foi possível identificar, com base nos valores da cobertura de juros, que mesmo não estando nos melhores cenários para o setor, a empresa apresentou, no primeiro ano analisado, um valor relevante de 0,82, sendo ele diminuído nos próximos anos em decorrência dos financiamentos adquiridos. Indo ao encontro do afirmado por Fernandes (2011), uma vez que uma empresa deve ser capaz de sustentar-se com recursos próprios.

Assim, fica claro que a organização não consegue se sustentar com seu fluxo de caixa, conforme os valores apurados no índice de equilíbrio de crescimento.

Segundo Junior et al. (2019), uma empresa deve ter como objetivo concentrar seus esforços a fim de alcançar a longevidade e o sucesso da organização e quando apurado o índice de trading, verifica-se que a empresa possui capital circulante líquido adequado para a continuidade do negócio. Este resultado é decorrente do valor de seus estoques e da concentração de seus exigíveis a longo prazo.

Por fim, ao apurar os valores dos indicadores, nota-se que a empresa possui alto grau de sustentabilidade financeira, sendo apurado 4 substanciais e uma plena. Estes elevados graus apurados são oriundos dos altos valores de trading, o que significa que a empresa está caminhando para sua sustentabilidade financeira, conforme análise apresentada por Fernandes e Meireles (2013) ao apresentar que a empresa é sustentável financeiramente quando obtiver grau igual ou superior a 0,6. A Tabela 4 apresenta os resultados dos indicadores obtidos para a Suzano Holding S.A.

Tabela 4: Indicador de Sustentabilidade Financeira Suzano Holding S.A.

| INDICADOR | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
|--|----------|-------------|----------|-------|----------|
| COBERTURA DE JUROS ADEQUADA | 0,26 | -0,22 | -0,12 | 0,18 | 0,40 |
| RÁCIO DA AUTONOMIA | 0,74 | 0,76 | 0,84 | 0,36 | 1,03 |
| AUTONOMIA FINANCEIRA | 0,50 | 0,27 | 0,36 | 0,27 | 0,72 |
| EQUILIBRIO DE CRESCIMENTO | -0,14 | 0,16 | 0,21 | 0,01 | -0,15 |
| <i>TRADING</i> | 1,30 | 1,42 | 1,29 | 2,84 | 1,28 |
| INDICADOR DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | 0,62 | 0,73 | 0,68 | 1,42 | 0,59 |
| GRAU DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | MODERADA | SUBSTANCIAL | MODERADA | PLENA | MODERADA |

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A Suzano não consegue cobrir suas despesas financeiras com sua operação, conforme os valores apurados na cobertura de juros adequada. Mesmo apresentando um valor baixo no primeiro ano estudado e valores negativos nos dois próximos, ela passou a crescer seu saldo neste indicador no quarto ano quando quitou parte de seus exigíveis a longo prazo, o que diminuiu os valores dos juros a serem pagos. Fato este, de forma isolada, categoriza a empresa como não sustentável financeiramente, uma vez que Junior (2019), afirma que a sustentabilidade financeira reside na capacidade da empresa cumprir suas obrigações para com seus fornecedores, credores, e de cobrir seus custos com oportunidades.

Fernandes (2011), diz que uma empresa sustentável no campo financeiro é mantida por capitais próprios e no estudo notou-se, por meio da aplicação das equações, que a distribuição de capital da Suzano, majoritariamente de terceiros, passou a ser regida por capital próprio no último ano estudado, conforme saldos apurados no rácio da autonomia.

Isto corroborou para um crescimento, mesmo que pequeno, na sua autonomia financeira, que passou de 0,27 no segundo ano para 0,72 no último ano estudado.

Conforme valores calculados para o equilíbrio de crescimento, se obteve as evidências de que a empresa, durante os últimos cinco exercícios, não possuía condições de se sustentar em suas operações com apenas o seu fluxo de caixa, necessitado de recursos de terceiros. Sendo o exposto acima afirmado por Matias (2007), que afirma que a capacidade de sustentação econômica das empresas está correlacionada à gestão eficiente dos recursos financeiros.

E, no que tange a sua perpetuidade, a entidade, ao contrário dos saldos apresentados anteriormente, possui capital circulante líquido o suficiente para investir no crescimento e continuidade do negócio. Sendo isto representado, igualmente pela Klabin S.A., pela concentração das dívidas em longo prazo.

Fernandes e Meireles (2013), menciona em seu estudo, que quando uma empresa obtiver grau igual ou superior a 0,6 na apuração do indicador de sustentabilidade financeira, ela está boa em relação as suas finanças. Sendo assim, com base nos dados calculados, a empresa apresenta valores relevantes para o indicador de sustentabilidade financeira,

percebendo-se que ela caminha para sua sustentabilidade financeira, mesmo apresentando uma queda no indicador no último ano estudado.

Tabela 5: Média do Indicador de Sustentabilidade Financeira dos exercícios de 2015 a 2019

| | IRANI | KLABIN | SUZANO |
|--|-------|-------------|-------------|
| INDICADOR DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | 0,40 | 0,94 | 0,81 |
| GRAU DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA | BAIXA | SUBSTANCIAL | SUBSTANCIAL |

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Portanto, com base nas análises apresentadas e na Tabela 5, conclui-se que a Irani Papel e Embalagens S.A. possui grau muito baixo de sustentabilidade financeira em relação as outras duas empresas estudadas.

Corroborando com o pensamento de Fonseca (2015) de que a falta de sustentabilidade financeira em uma empresa pode ser um fator que favoreça a insolvência. Com base nos valores apurados, a empresa Irani ficou abaixo dos índices desejáveis. Ainda, nota-se que a Klabin S.A. e a Suzano Holding S.A., conseguiriam manter o abastecimento interno e externos dos produtos do setor por se tratar de empresas de grande porte e detentoras do mercado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a sustentabilidade financeira de empresas produtoras e comerciantes de papel e celulose listadas na B³ por meio do dos seus indicadores, bem como buscou calcular, categorizar e comparar o indicador de sustentabilidade financeira destas organizações ao longo de seus exercícios sociais. Com a elaboração desta pesquisa, notou-se que as empresas necessitam de sustentabilidade financeira para manter-se no mercado, uma vez que, depender de terceiros não é a opção mais viável para o sucesso de uma organização.

Desta forma, buscou-se calcular o grau de sustentabilidade financeira das três maiores empresas de papel e celulose listadas na B³ sendo possível identificar que elas apresentam indicadores distintos, mesmo de se tratando de um mesmo setor do agronegócio.

Notou-se que a questão da disposição da estrutura de capital de terceiros e próprios é fundamental para a saúde financeira da empresa, uma vez que, quando financiada por terceiros, ela tem menos chances de alcançar a sustentabilidade financeira plena, visto isto nas empresas analisadas.

Mesmo a sustentabilidade financeira não sendo baseada em apenas um fator, ela é resultado de um conjunto de indicadores que visam medir se uma organização possui capital próprio, fluxo de caixa e capital circulante líquido para manter o funcionamento e perpetuidade do negócio. Mesmo assim, não se pode definir uma fórmula para a sustentabilidade financeira plena, uma vez que as empresas estudadas que alcançaram este grau, obtiveram resultados distintos nos cálculos apurados.

Na elaboração deste estudo, encontrou-se como limitações a quantidade de trabalhos semelhantes, uma vez que o indicador estudado vem sendo utilizado em trabalhos

relacionados a micro e pequenas empresas e negócios específicos, como o setor imobiliário e bancário. Assim, sugere-se a elaboração de estudos futuros com outros segmentos dentro do agronegócio, bem como com uma amostra maior de empresas, a fim de servir como base de comparação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. C. P. DE et al. **Formação Integrada para Sustentabilidade: impactos e caminhos para transformação**. 2016.
- BERTONCELLO, F. R. DA M. **A regulação financeira como veículo de promoção do desenvolvimento sustentável**. 2015.
- BRANCO, A. M. DE F. **Sustentabilidade Financeira Empresarial no Brasil**. 2010. PhD Thesis – Universidade de São Paulo, 2010.
- CALLADO, A. A. C.; CALLADO, A. L. C.; MACHADO, M. A. V. Indicadores de desempenho operacional e econômico: um estudo exploratório no contexto do agronegócio. **Revista de Negócios**, v. 12, n. 1, p. 3–15, 2007.
- CEPEA, C. **PIB do agronegócio Brasileiro**. Available from CEPEA Retrieved, v. 2, n. 21, p. 2018, 2017.
- DAL BEN, R. et al. Análise do comportamento e sustentabilidade: revisão dos artigos publicados no Behavior and Social Issues de 2005 a 2016. **Revista brasileira de análise do comportamento**, v. 12, n. 2, 2017.
- DE ALMEIDA FERNANDES, M.; MARIN, T. I. S. A força da informação financeira e contábil como recurso estratégico para a tomada de decisões empresariais em micro e pequenas empresas. **Revista de Ciências Gerenciais**, v. 15, n. 22, 2011.
- DE ALMEIDA FERNANDES, M.; MEIRELES, M. Justificativa e proposta de indicador de sustentabilidade financeira. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 10, n. 20, p. 75–95, 2013.
- DE JESUS FERNANDES, A. R.; FONSECA, S. E.; CUNHA, C. L. Responsabilidade social e influências sobre retornos de cotações: um estudo acerca do desempenho de índices de sustentabilidade. **Revista Administração em Diálogo-RAD**, v. 20, n. 1, p. 25–39, 2018.
- DE OLIVEIRA FERNANDES, C.; DE SOUZA SAMPAIO, F. J. C. Regime Próprio de Previdência Social: um Estudo da Sustentabilidade Financeira de um Município Potiguar. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 7, n. 1, p. 5–19, 2019.
- DE SOUZA, G.; SILVA, W. A. C. AÇÕES DE GESTÃO EMPRESARIAL: A BUSCA PELA SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA EM UMA GRANJA SUÍNA-UM ESTUDO DE CASO. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 3, n. 1, p. 70–93, 2018.
- EVANGELISTA, R. Sustentabilidade Um possível caminho para o sucesso empresarial? **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 9, n. 1–2, p. 85–96, 2010.

FERNANDES, M. **Sustentabilidade financeira**: proposta de indicador de sustentabilidade financeira aplicado às micro e pequenas empresas. 2011. PhD Thesis – Dissertação de mestrado. Faculdade Campo Limpo Paulista, Brasil, 2011.

FILHO. **ANÁLISE DA SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA NO SEGMENTO IMOBILIÁRIO DA REGIÃO CENTRO SUL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE/MG**. Mestrado Unihorizontes. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://mestrado.unihorizontes.br/analise-da-sustentabilidade-financeira-no-segmento-imobiliario-da-regiao-centro-sul-na-cidade-de-belo-horizonte-mg/>>. Acesso em: 27 set. 2020.

FONSECA, R. A. DA. FONSECA, Rosimar Aparecida da. **Sustentabilidade financeira em micro e pequenas empresas do município de Itabira- MG**. 2015. 117f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2015. - Pesquisa Google. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=FONSECA%2C+Rosimar+Aparecida+da.+Sustentabilidade+financeira+em+micro+e+pequenas+empresas+do+munic%C3%ADpio+de+Itabira+MG.+2015.+117f.+Disserta%C3%A7%C3%A3o+\(Mestrado+em+Administra%C3%A7%C3%A3o\)+%E2%80%93+Faculdade+Novos+Horizontes%2C+Belo+Horizonte%2C+2015.&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR884BR884&oq=FONSECA%2C+Rosimar+Aparecida+da.+Sustentabilidade+financeira+em+micro+e+pequenas+empresas+do+munic%C3%ADpio+de+Itabira+MG.+2015.+117f.+Disserta%C3%A7%C3%A3o+\(Mestrado+em+Administra%C3%A7%C3%A3o\)+%E2%80%93+Faculdade+Novos+Horizontes%2C+Belo+Horizonte%2C+2015.&aq=chrome..69i57j69i60.200j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=FONSECA%2C+Rosimar+Aparecida+da.+Sustentabilidade+financeira+em+micro+e+pequenas+empresas+do+munic%C3%ADpio+de+Itabira+MG.+2015.+117f.+Disserta%C3%A7%C3%A3o+(Mestrado+em+Administra%C3%A7%C3%A3o)+%E2%80%93+Faculdade+Novos+Horizontes%2C+Belo+Horizonte%2C+2015.&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR884BR884&oq=FONSECA%2C+Rosimar+Aparecida+da.+Sustentabilidade+financeira+em+micro+e+pequenas+empresas+do+munic%C3%ADpio+de+Itabira+MG.+2015.+117f.+Disserta%C3%A7%C3%A3o+(Mestrado+em+Administra%C3%A7%C3%A3o)+%E2%80%93+Faculdade+Novos+Horizontes%2C+Belo+Horizonte%2C+2015.&aq=chrome..69i57j69i60.200j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: 6 out. 2020.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** 5. ed., editora Atlas: São Paulo. 1999.

GIMENES, R. M. T.; GIMENES, F. M. P. Agronegócio cooperativo: a transição e os desafios da competitividade. *Redes. Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 12, n. 2, p. 92–108, 2007.

HART, S. L.; MILSTEIN, M. B. **Criando valor sustentável**. *GV EXECUTIVO*, v. 3, n. 2, p. 65–79, 2004.

JÚNIOR, D. P. et al. Ações De Sustentabilidade Financeira Em Empresas Da Microrregião De Pará De Minas E Cidades Circunvizinhas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 8, n. 3, p. 1–35, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia científica**. Metodologia científica. [S.l: s.n.], 1986. p. 231–231.

LANGBECKER, T. B.; BEURON, T. A. SUSTENTABILIDADE E AGRONEGÓCIO: ALINHAMENTOS AO PROCESSO DECISÓRIO EM UMA EMPRESA RURAL. *Revista GESTO: Revista de Gestão Estratégica de Organizações*, v. 8, n. 2, p. 71–89, 2020.

LEÓN VANEGAS, C. A. **Análise da adoção de ferramentas e conceitos de sustentabilidade no processo de desenvolvimento de produtos**. 2017.

MATIAS, M. **Organização de eventos**: procedimentos e técnicas. [S.l.]: Editora Manole, 2007.

MEDINA, G. Dinâmicas internacionais do agronegócio e implicações para a política agrícola brasileira. *Revista de Estudos Sociais*, v. 19, n. 38, p. 3–12, 2017.

MEIRA, P. G. DE S. S. **Análise de investimentos ambientais e sociais de empresas do agronegócio certificadas pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso.** 2019.

MICHELS, A. et al. **INDICADORES DE DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO NAS EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO LISTADAS NA B³ S.A.** Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC, v. 0, n. 0, 13 nov. 2018. Disponível em: <<https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/4441>>. Acesso em: 27 set. 2020.

NETO, A. L. **A educação ambiental como resolução do conflito entre desenvolvimento sustentável e globalização.** Frutal–MG: Prospectiva, 2011.

OLIVEIRA FILHO, D. E. Análise de sustentabilidade financeira no segmento imobiliário na região nordeste de Belo Horizonte. **REMIPE-Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**, v. 6, n. 1, p. 121–142, 2020.

PEREIRA, A. J. et al. OS IMPACTOS DA CONTROLADORIA E FINANÇAS DENTRO DA AUDITORIA ORGANIZACIONAL. **Revista Razão Contábil & Finanças**, v. 10, n. 2, 2019.

SILVA, C. L. DA et al. **Inovação e sustentabilidade.** [S.l.]: Aymarã Educação, 2012.

TRINDADE, A. C.; PELA UNIFG, D.; LIMA, W. G. **Sustentabilidade Econômica em Empresas de Agronegócio da Região Integrada de Desenvolvimento Econômico Polo Petrolina/PE e Juazeiro/BA.** 2018.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas. VICENTE, Victor Manoel Barbosa (2007). A institucionalização da atividade de segurança comunitária na Polícia Militar do Distrito Federal, 2000.

WALSH, C.; DIAS, G.; E SILVA, J. F. **Rácios fundamentais da gestão:** como analisar, comparar e controlar os números que determinam o valor da empresa. [S.l.: s.n.], 1999.

XISTO, J. G. R. DE. **Contribuição para o desenvolvimento de um modelo de sustentabilidade financeira de empresas.** 2007. PhD Thesis – Universidade de São Paulo, 2007.